Ano 117.°, n.° 4Q 912, preço 15\$00

Prevista lei sobre sectores económicos

# Francisco Balsemão advoga criação de bancos privados

cia de Imprensa realizada em Davos, na Suiça, aonde se deslocou para participar num simpósio internacional, o primeiro-ministro, Francisco Balsemão, declarou-se favorável à criação de bancos privados em Portugal, «funcionando ao la-do dos bancos nacionalizados já existentes». Precisando mais tarde as suas afirmações, no regresso a Lisboa, o chefe do Governo afirmou que «isso não implica, de forma nenhuma, a reprivatização dos bancos que foram nacionalizados», mas que «o Governo apresentará novas propostas legislativas no sentido da alteração da lei dos sectores económicos, que levem à possibilidade da criação de novos bancos, apos a revisão constitucional». Sa-

lientou, no entanto, «a delicadeza do assunto», considerando que «é necessário ter o máximo cuidado, para não se assistir à proliferação de ban-

Na mesma conferência de Imprensa, o ministro do Comércio e Turismo, Alexandre Vaz Pinto — que o acompanhou na visita e ficou mais um dia, na Suíça — declarou-se «confiante na concretização do projecto de instalação de uma fábrica Ford em Portugal, com uma capacidade de produção de 200 mil automóveis por ano»

Na sua exposição perante os empresários e gestores de vários países reunidos no simpósio de Davos — exposição essa a que nos referimos, em pormenor, na página 3 — o pri-

meiro-ministro Pinto Balsemão reafirmou que o seu Governo atribui uma «prioridade total» às negociações de adesão à Comu u n i dade Económica Europeia. E acrescentou: «A adesão não representa uma opção puramente e c o n ómica, mas constitui também uma escolha de modelo de sociedade.»

Entretanto, no seu regressso a Lisboa, o chefe do Governo referiu «o grande interesse verificado nos contactos que fivera em Davos com gestores e empresários de todo o mundo, não só por Portugal, mas em investir em Portugal». Esse interesse, sublinhou Pinto Balsemão, «decorre não só da confiança que os investidores sentem na estabilidade política que se alcançou no País, mas igualmente da confiança que

tėm na capacidade produtiva dos nossos trabalhadores». Por tudo isso, sublinhou o primeiro-ministro nas suas declarações aos jornalistas que o aguardavam, «estão abertas as portas ao grande investimento estrangeiro».

estrangeiro».

Mostrando-se visivelmente optimista, Pinto Balsemão considerou «francamente positiva» esta sua ida ao simpósio empresarial de Davos. «ainda que a convite particular», sublinhando que «isso não invalida que tenha sido a primeira vez que um chefe de Governo português participou naquela importante reunião internacional, que se realiza uma vez por mos.

#### Figueiredo hoje em Lisboa

# Cooperação técnica nas negociações luso-brasileiras

O presidente do Brasil, João Baptista Figueiredo, que hoje chega a Portugal para uma visita oficial de quatro dias, assinará amanhã, na Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, o «a just e complementar ao acordo básico de cooperação têcnica entre Portugal e o Brasil».

Por outro lado, em meios ligados á comunidade portuguesa do Brasil, citados pela France Press, considera-se que a visita de João Figueiredo ao nosso pais «abre boas perspectivas de relacionamento politico entre as duas nações-irmās». ambas a atra-vessar uma profunda evolução interna dos respectivos sistemas. Essa perspectiva é compartilhada noutras áreas onde se qualifica a deslocaão como prometedora para o futuro das relações luso-brasileiras. Acresce a circunstan-cia de que tanto o Brasil como Portugal têm importantissimos interesses respectivamente na Europa e no continente africano, o que, por si só. justificará um exame atento das questões que se levantam para evitar colisões, tornando complementares esses mesmos interesses.

Entretanto, o Presidente da Republica Portuguesa, general Ramalho Eanes, em entrevista ao «Jornal do Brasil», disse esperar que a visita «seja proveitosa do ponto de vista do conhecimento da realidade portuguesa e que favoreça a concretização das aspirações dos dois povos».

Várias são as cerimonias integradas no programa da estada de João Figueiredo em Portugal, como noticiamos na página 3 contando-se entre as mesmas uma sessão solene na Assembleia da Republica, á qual não assistirão os deputados comunistas, como replica á atitude da Embaixada do Brasil em Lisboa, que convidou para os diversos actos oficiais a seu cargo os presidentes de 15 comissões parlamentares, excluindo exactamente os das três restantes que são presididas por representantes do PCP.

Está, por outro lado, tam-

bém previsto para apianha. um encontro entre os responsáveis governamentais pelo sector das Finanças, respectivamente Ernane Galveas e Morais Leitão. Sabe-se, igualmente, que o presidente do Brasil discursará, durante o encontro que terá depois de amanha na Feira Internacional de Lisboa, com embresários portugueses e brasileiros.



Fernando Mamede não deixou os seus créditos por mãos alheias, e, após uma prova que foi um verdadeiro contra-relógio, ganhou como quis

Vitória da classe e do "coração"

## Mamede e o Sporting campeões europeus

Fernando Mamede e o Sporting alcançaram brilhantes vitórias (individual e colectiva) na Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato, disputada ontem à tarde no higodromo de Varese, próximo de Milão

A grande forma e a classe paramentível de Fernando alainede manifestaram-se ao longo da corrida, deixando os seus mais directos adversários a considerável distância.

Para a vitória da equipa, contribuiu, a seguir, o quarto lugar de Carlos Lopes, verdadeiramente inesperado, pois o velho campeão tem estado a ressentir-se de uma tendinite. Mas Carlos Lopes, com aquele brio que se lhe conhece. realizou uma última volta em andamento diabólico,

ting ao primeiro lugar colec-

tivo.

Faltava o terceiro homem
— e esse foi Aniceto Simões,
chegado em 15.º, o que garantia, em definitivo, o triunfo
colectivo.

Foi a terceira vitória do Sporting na Taça e a segunda vitória individual (a primeira coube a Lopes, em 77).

Sequeira Andrade, enviado especial do «DN» descreve as suas impressões na crónica que publicamos na página 12.

## UGT vai aprovar contrato social

O II Congresso da UGT encerra hoje, no Pavilhão dos Desportos, com a aprovação da política reivindicativa da central, que inclui um pento com «Bases para um contrato social», eleição do novo Secretariado e do Conselho Geral.

Na sessão de ontem foi aprovado, por maioria, o Programa de Acção, depois de certa controvérsia sobre a organização dos trabalhos, como referimos na página 4. Entretanto, o CDS constituiu-se como tendência organizada no seio da UGT. num documento subscrito por 120 delegados, enquanto o PS têm 435 e o PSD 243. Deixaram de ter fundamento as previsões que se faziam sobre uma eventual «medição de forças» entre as duas principais tendências.

Depois de terem admitido essa eventualidade, os sindicalistas do PS e do PSD chegaram a acordo nas propostas a apresentar ao Congresso sobre revisão constitucional, Serviço Nacional de Saúde e nacionalização da banca.

#### 31 de Janeiro

### Comemorada revolta republicana

Diversas cerimonias assinalaram ontem o 90.º aniversário da revolta de 31 de Janeiro de 1891, quando um grupo de militares, designadamente sargentos, desencadeou no Porto um movimento republicano, abafado ao fim de algumas horas pelas tropas fiéis à monarquia. No Porto, um grupo de democratas assinalou ontem a data com romavens aos cemités.

mocratas assinalou ontem a data, com romagens aos cemitérios de Agramonte e Prado do Repouso. Por outro lado, na Cova da Pieda le, cerça de 1200 sargentos participan; numa festa comemorativa da revolta republicana.

## "Manhã Submersa" seleccionado para o Óscar

(Pág. 11)

## Sindicatos anunciam acordo com Varsóvia

O Governo e o Solidariedade chegaram a um acordo
quanto à questão da redução da semana de trabalho e
acerca do acesso do sindicato aos meios de comunicação social, declarou um
porta-voz do movimento
sindical livre polaco, na sexta-feira à noite, ao cabo de
longas negociações na sede
do Conselho de Ministros,
em Varsóvia.

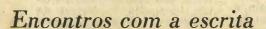
No que se refere ao problema da legalização do sindicato agrícola Solidariedade Rural, foi resolvide que uma comissão governamental se desloque hoje a Rzeszow, no Sueste do país, para tomar conhecimento directo das reivindicações dos trabalhadores.

Segundo o acordo agora alcançado, os assalariados polacos vão passar a ter três sábados livres em cada quatro, durante este ano. O porta-voz do Solidarieda de explicou que o governo reconheceu o princípio da semana de 40 horas e cinco dias de trabalho, mas o sindicato admitiu que, em

face da difícil situação económica do país, se trabalhe, durante este ano, um sábado em cada quatro. A duração do trabalho no sábado não-livre foi fixada em seis horas, mas o sindicato vai pedir aos filiados que trabalhem oito, como em qualquer outro dia da semana, acrescentou o porta-voz.

O acordo sobre a questão de acesso aos orgãos de comunicação social foi considerado «satisfatório» pelo porta-voz do Solidariedade, tendo o Governo aceitado, igualmente, que o sindicato publique um semanario.

Por outro lado, consoante notícia que publicamos na página 5, os dirigentes do movimento sindical livre, perante o acordo agora firmado com o Governo, reuniram-se para deliberar sobre se a greve simbólica de uma hora, marcada para terça-feira, deve ou não ser desconvocada.



### As respostas frontais de José Cardoso Pires

Cardoso Pires responde a perguntas... É a primeira de uma série de entrevistas que o «DN» publicará, quinzenalmente, com escritores port u g u e ses, procurando ir mais longe, mais além do que em geral o público da vida e da obra dos nosas ficcionistas. É um intento de æsvendar uma personalidade, na convicção de que o conhecimento desta sempre conhecimento desta sempre con-

de æsvendar uma personalidade, na convicção de que o conhecimento desta sempre contribui para a melhor compreensão da obra literária. Um diálogo vivo, por vezes indiscreto, quase sempre polémico, é a aposta que fez o nosso jornal nastes encontros com alguns dos nosso principais autores. A primeira, que hoje se publica, é um bom exemplo desse diálogo.

A perguntas frontais, José Cardoso Pires dá resposta não menos frontais, que em certa medida se podem considerar corajosas, já que comportam uma revelação pública de hábitos, comportamentos e tendências, numa confissão muto pouco usual no comportamento convencional da matoria dos nosso escritores. Assim, ao

me uma conversa de mais de cinco horas entre José Cardoso Pires e Mário Ventura, são-nos reveladas, com a mesma emotividade que caracteriza muitas das páginas do escritor. as experiências dramáticas que mais marcaram a sua personalidade, as suas reaccões em face da vida e da morte, o surgimento da sua vocação de escritor, algumas duvidas e perplexidades, etc. Da mesma forma, as suas opiniões sobre a literatura, o público e os críticos, opiniões quase sempre polémicas e controversas, são apresentadas à opinião pública com uma clareza meridiana que, sem dúvida, despertará nos leitores um redobrado interesse pela obra do autor de «O Hóspede de Job» e o «O Del-

A entrevisa que o «DN» hoje publica, além de ser um texto apaixonante, aparece também como um documento que, a partir de agora, será de indispensável consulta para quem pretenda conhecer a personalidade de José Cardoso Pires.



Novos incidentes entre Peru e Equador

Continua a tensão na fronteira entre o Peru e o Equador, onde aviões peruanos voltaram a atacar um posto militar equatoriano, como noticiamos na página 5. Na foto, soldados e blindados do Perú tomam posições num dos pontos da fronteira entre os dois países, região onde, nos últimos três dias, se têm intensificado os incidentes

### Referindo-se à unidade europeia

## Alexander Haig criticou medidas proteccionistas

A unidade europeia começou a tomar a forma de proteccionismo comercial, segundo a opinião expressa pelo secretário de Estado americano, Alexander Haig, ao jornal francês «Le Figaro».

«Não me oponho á unidade europeia em si. Obviamente os Estados Unidos têm interesse em que a Europa seja forte e unida... Mas, recentemente. a insegurança e falta de confiança da Europa começou a originar medidas exclusivas e proteccionistas», salientou Haig, acrescentando que a força do Mundo Coidental é tripartida—económica, moral e militar—, e prosseguiu:

«Devemos acentuar as tremendas vantagens comerciais de que gozamos, não com sermões moralistas. mas com o Noutro passo das suas declarações. Alexander Haig afirmou: «A nossa força militar é a

garantia da nossa liberdade, e deve saber-se que estariamos dispostos a utilizá-la se fosse necessário.» Enquanto isto, e no mo-

Enquanto isto, e no momento em que, como noticiamos na página 5. o antecessor de Haig, Zbigniew Brzezinski, declarava, na Suiça, que uma invasão da Polônia pela URSS levaria à formação de uma aliança que representaria, de facto. O cerco à União Soviética que este pais tem estado a evitar, Moscovo rejeitou as acusações de fomentar o terrorismo internacional, for muladas pela Administração de Washington, e reafirmou categoricamente que continuará a dar o seu apoio aos movimentos

de libertação na Africa e na América Latina.

Esta posição, divulgada pela agencia Tass, foi interpretada como uma clara resposta ao presidente Ronald Reagan, o qual afirmou, na quinta-feira, que a URSS se reservava o direito de «cometer qualquer crime, de mentir e de enganar» com a finalidade de conseguir o seu objectivo de revolução mundial, bem como ao novo secretário de Estado, que por sua vez afirmara, no dia anterior, estar a União Soviética a promover o terrorismo internacional.

A Tass desmentiu que a URSS tenha sido desonesta na sua política externa ou tenha fomentado a sublevação em países estrangeiros.

#### Sistema fiscal

O ministro das Finanças e do Plano, disse ontem em Castelo Branco que o sistema fiscal «terá de ser e será a alavanca do progresso economico e social do Pais». Morais Leitão falava na homenagem que publicamente foi prestada ao director de Finanças de Castelo Branco.

#### Memória de um voo

Em 31 de Janeiro de 1931, o maior hidroavião até então construido. o «DO-X», um gigantesco aparelho de 12 motores, levantava voo do rio Tejo, levando a bordo, entre os passageiros, o almirante Gago Coutinho. Algumas horas depois, o avião amarava em Las Palmas, no que se planeava ser apenas uma escala de um longo voo que, refazendo a rota seguida por Gago Coutinho, nove anos antes, levaria o «DO-X», ao Brasil. No entanto, um conjunto de avarias retirou o brilho à viagem. Pág. 8

#### Exposição canina

Cerca de 500 exempiares, das mais diversas raças, começaram, ontem, a desfilar na FIL, marcando a LXXIV Exposição Canina Internacional de Lisboa. Assinalam-se, assim, os 50 anos de actividade do Clube Português de Canicultura. Os prémios são atribuídos hoje e vão, por certo satisfazer a natural exuberancia e vaidade dos donos de tão «belos concorrentes». Os cães de guarda predominam, ou não sejam estes o mais fiel amigo do homem... Pág. 8

#### Desporto

Juca responde às perguntas de Antônio Castro. A entrevista merece lugar de relevo na ultima pagina onde, alem da cronica sobre o certamato, falamos dos jogos antecipados para ontem na Taça de Portugal. Mas neste capitado melhor que temos para ine oferecer vem na página anterior, com reportagens sobre o U. Coimbra, Rio Ave e Camponacorense, es adversários respectivamente do Benfica, FC Porto e Belevaises nos jogos de 10 e

Fágs. 11 e 12

#### Tempos Livres

Para esta semana o tema é «a gloriosa loucura do modelismo automovel». Se a sua paixão é o automobilismo de competiça o não perca, nesta edição dos Tempos Livres, uma entrevista com João Campeão de Freitas, um funcionário da Lisnave que ocupa os seus momentos de lazer a construir reproduções exactas dos bélides que aceleram em Le Mans — entre-outros... A sua actividade ultrapassou, mesmo, as nossas fronteiras, e os modelos, perfeitasimos, que saem das suas mãos, figuram já em muitas coleções estrangeiras. Nos Tempos Livres temos as habituats secções, com relevo para a Filatelia, dedicada á exposição de selos brasileiros patente em Lisboa no ambito da disida do Presidente Figueiredo. Mas há ainda um artigo sobre os besteiros do século XX.— actividade desportiva muito desenvelvida na Europa central, em que a arma para o tiro ao alvo é a besta ou balestra, conhecida e usada há dez séculos.

Págs. 13 a 15



#### Familia

ferenciados, para os quais não se sem frontamente, a vacina apropriada. Todacia, es elípicos
podem, em grande medida, centribuir para o
rápido isolamento de determinado virus, se
notificarem os doentes que assistem, colaborando, assim, com os Centros Nacional de
Gripe espanhados pelo mundo e funciarando
sob a égide da Organização filuncial de Saude.
Existem, entrera to vacinas adequadas é sestirpes mais generalizadas, as quais devem ser
adoptadas e mo inadida preventiva e, muito
especialmento nas crianças. O Suplemento Familia aborda, hoje este assimto, proporcionando-lhe, ainda, outros temas, que, por certo, lne
agradarão.

Páss. 17 a 19

Uma gripe pode ser resultante de la di-

Necrologia Pág. 21
Espectáculos Págs. 8 e 10
Estado do tempo: Farmácias de servico; Urgências: Aviões e aeroportos: "Diário da República" Pág. 16

CASSIFICADOS
Compra, venda e troca de automóveis Pág. 23
Compra, venda e troca de propriedader
Pág. 4, e 25
Pedidos a ofertas de emprego em vários pontos do País Pág. 26

#### PALAVRAS DE ONTEM

«Alegrem-se os corações que o mau tempo lembrou-se

Reflexões em «A Tarde»



## José Cardoso Pires: "Escrever é uma meditação e uma descoberta de mim próprio"

Na primeira de uma série de entrevistas com escritores portugueses, José Cardoso Pires, autor de "O Hóspede de Job" e "O Delfim", fala da aventura da escrita, dos malefícios da censura, e revela múltiplos aspectos da sua personalidade

An distribution menos aten - a realidade nem sem rece o que parece — José circoso Pires surge como um er verbalmente duro, quase eroz. sobretudo quando fala de temas que constituem alimento de ressentimentos comuns. Ao contrário da escritardos seus livros — romances, contos, ensaios e peças de testro -, onde impera a serentdade de quem medita trabalha longamente, as palavras são nervosas e precipitadas, quica nem uma bisa nem outra, traduzem weres com dificuldade o ensamento para demarem

censoriais são o barometro colectivo. São muitas vezes indicios subtis mas proféticos das catástrofes que se perfilam no horizonte porque censura é a primeira resposta à miséria e o pretexto elassico contra o poder civil.

Expor isso que todos os si nats de proibição ou de manipulação têm de ser toma dos como avisos de tendêncase como manifestações de im percurso global que en-come tudo e todos. Não foi com este sublinhado, é evidente que o Presidente da República se referiu no disarso de posse à liberdade de informação. Mas a chamada do general Eanes vate como um aviso contra as fáceis tentações de regresso a formuias antigas de equilibrio. Simplesmente, a Informação não je tudo. A coacção ao liwro e ao autor fazem-se desde logo no ensino quando se riculta ao estudante o escritor desta hora e desta paisagem em que vivemos e-es-tudamos. Talvez se procure regressar a uma literatura de coveiros, è possivel. Uma interatura onde os vivos são sepultados sob o peso de ca-daveres históricos. De qual-quer maneira não é assim que se ensina a literatura portuguesa nas universidades estrangeiras. Não se fazem S. Jerónimo; e os nossos eruditos pedagogos sabem que princípio é nefasto e obsoleto. Mas sabem porque

Da mesma maneira que sabem, com o maior rigor, que muitos dos nossos autores de hoje são aqueles que interassam predominantemente os leitores estrangeiros e que por isso, se encontram traduzidos e, nalguns casos, até, publicados em editoras da major reputação internacional. Há outras maneiras de ocultar o escritor; ou de o afastar do público, de no mesmo. Os programas enfatuados e sem dinamismo, a escolha de horários de baixa audiência, tudo isso... Aqui valoriza se outra vez o que é estrangeiro. Qualquer figura de segunda ordem tem páginas inteiras, porque vem do estrangeiro. Não se faz por provincianismo, mas por maldade, mara amesquinhar o da casa. l censura faz-se à custa da vos que não beneficiam de colsa nenhuma e nem sequer têm

o praticam.



the Cultura brasileira



«O escritor pretende acima de tudo a abóbada final, a «Eu penso que todos os escritores são comprometidos» perfeição»

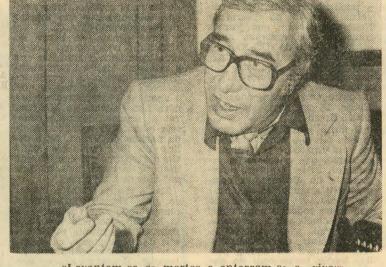
profissão, embora paguem, imposto profissional. Neste momento os escritores dão dinheiro ao País, e o que é que o País dá aos escritores? Nada! E as coisas não se vão recompor. porque sempre que há umaterise económica, a primeiratvitima é a cultura».

MVi - Astuasfuria verbal faz pensar em odio. Odeias al

JEP .- ; Eu, digo uma coisa que ast pessoas que me conhecem'não acreditam muito: convenço-me de que isso é também'um tipo de timidez como outro qualquer. Primeiro, não sei\* se tenho uma linguagem violenta, Segundo, se a tenho, estou convencido que é uma forma de timidez.

MV — Es um escritor que trabalha pouco ou que trabalhando muito, produz

JCP — Eu trabalho muito e produzo pouco. Trabalno muito porque, como às vezes digo. penso bastante com o bico do aparo. Preciso de uma grande anarquia para escrever, e a anarquia requer tempo. Ou desperdiça-o... Tomo poucas notas, pelo menos em ficção, porque o que é bom e importante é sempre levantado pela memória. Aquilo que ela despreza não tem o peso especifico que nós julgávamos ter.



e enterrem-se os vivos»

por compensação das nossas proprias instabilidades.

MV — E a respeito de solidariedade?

JCP — Há bocado falámos no convívio. Vamos ao convívio. O convívio é uma coisa incerta, bastante aleatória, nós todos gostamos de conviver mas estamos sempre a gostar de conviver sem regra, sem compromisso. A solidariedade, penso eu, tem uma definição extremamente social. E-se solidário com a raça humana, até em abstracto. É-se solidário contra a guerra, até em abstracto. Mas o abstracto é sempre feito de coisas concretas.

MV — E ficas-te por ai? JCP - Fico

MV — E o que é para ti o

JCP — Se eu soubesse o que é o amor... Há uma definição muito boa, que é aquela que diz: amor é tudo quanto se se amam. Se queres uma defi-

MV — Não, eu não quero uma definição do amor. Quero saber o que ele representa

JCP — É outro limite de compensação, mas é fundamentalmente materializado em emoções e sentimentos, em descargas emotivas, porque, quando não há descarga emotiva, deixa de haver amor. Daí ser o amor, também, uma forma de agressão.

MV - A favor e contra al-

JCP - A favor e contra, sim, às vezes até contra o próprio. MV - Isso é um pouco

JCP - Por exemplo, o amor não se faz sem destruição, duas pessoas que se amam destroem-se, e constroem-se destruindo-se. É da destruição mútua que vem a aquisição de urna experiência. Até ao nível

celular, se quisermos.

(Pode sempre adivinhar-se - ainda que se erre — quando um tema incomoda, ou parece inse coloca. O que é hucomodar, aquele a quem mano. O escritor é uma

A impecabilidade fica--lhe mal e distancia-o. As fraquezas colocam-no ao nível daqueles que o

MV - Quais foram as experiências mais decisivas da tua

JCP - A morte do meu irmão, por exemplo, que era um homem antimilitarista e mor reu queimado dentro de um avião militar. Tudo o que se passou à volta dessa morte chocou-me profundamente e levou-me a escrever o livro que lhe dediquei. O Hóspede de Job. Deve ter sido a primeira experiência violenta que imediatamente me tocou literariamente, ao ponto de ter de escrever alguma coisa.

MV — Mas não a história de teu irmão.

JCP - Não. Eu quis escrever um livro que fosse o reflexo indirecto do que se passara. Era realmente uma coisa mais universal sobre o significado de um país armado para coisa nenhuma.

MV — Vives exclusivamente da literatura?

JCP - Como se sabe, vivo. MV - E vives bem?

JCP - Pago impostos...

#### Levantem-se os mortos e enterrem-se os vivos

MV - Vamos a outra questão: parece que as mudanças havidas em Portugal, após o 25 de Abril, ao contrário do que esperávamos, não se reflectiram numa major repercussão da literatura portugue sa além-fronteiras. Como expli-

JCP—O que o estrangeiro pretende saber de uma literatura é o que se passa num dado país em dado momento. Mas as máquinas conservantistas da cultura procuram eliminar o testemunho actual, porque lhes diz respeito e as envolve. E daí a procura dos escritores mortos. Levantem-se os mortos e enterrem-se os vivos. Portanto, marginalizar o escritor actual, vivo, aquele que fala do seu tempo.

MV - Falamos do escritor comprometido?

JCP - Podemos falar. Eu penso que todos os escritores são comprometidos.

MV - Hoje toda a gente parece muito interessada em distanciar-se do neo-realismo. Terá sido o neo-realismo uma chaga literária?

JCP — Todos nós sabemos a importancia do neo-realismo. Como todas as grandes correntes, teve partidários que não o abonaram, por qualidade, por exagero, por demagogia, mas todos os movimentos têm esse lado negativo. Simplesmente, o que houve foi uma resposta conservadora da reacção, que se serviu justamente dos defeitos do neo-realismo para o definir como tal. E aí, o oportunismo anticomunista explorou até á saciedade esses lados negativos. Mas o neo-realismo era uma corrente, e-como tal permanece. Extremamente aberto, e tão rico e diferenciado, que dele saíram escritores fundamentais na história da literatura.

MV - Mais rico que a «Presençan?

JCP - Na ficção, sim, mas

MV - Falemos da tua pa ternidade literária, se é que 8

JCP - Bom, eu fui sempre mais virado para a formação anglo-saxónica. E quando apareci, estava mais tocado pelos americanos, do que propriamente pelos franceses ou pelos brasileiros, que faziam uma literatura com substrato poético muito profundo. Isso tocou os escritores portugueses, e inclusive o Redol foi um deles. Eu fui particularmente influenciado pelos norte-americanos, e sobretudo pelo Hemingway. E foi muito salutar, porque o Hemingway ensinou-me uma certa economia, principalmente no diálogo.

MV — E as tuas ligações ao

JCP - Foram episódicas, nem sequer cheguei alguma vez a ser surrealista. O que aconteceu é que eu, na minha geração, que era a do O'Neil, Cesarini, Vespeira, protestava contra um certo neo-realismo demagógico. Eles encaminha-

praticou não se resume às

mortes nem às torturas do

seu exercício. Deve-se tam-

bém ao estado de coação

que implantou no país, ao

clima de terror que lhe fa-

cilitou cumplicidades e a

tornou supranatural. Tão

supranatural que pelos vis-

tos não existia, como nos



«Eu sou amigo de alguém, exigindo dele coisas que sei que não

#### José Cardoso Pires:

\_É muito difícil encontrar um escritor totalmente identificado com o Poder

-É extremamente contraditório planificar uma social-democracia em terreno pobre

-O desgaste que a PIDE praticou não se resume às mortes nem às torturas do seu exercício. Deve-se também ao estado de coacção que implantou no País, ao clima de terror que lhe facilitou cumplicidades e a tornou supranatural. Tão supranatural que, pelos vistos, não existia, como nos querem fazer crer

—A censura e as pressões censoriais são o barómetro mais sensível do ambiente colectivo



«Porque é que eu escrevo?... Bom, porque me dá felicidade, primeiro que tudo»

ram-se para o surrealismo e

(O tema da censura é caro a José Cardoso Pires. O que não surpreende, se recordarmos o seu ensaio «Técnica do Golpe de Censura», de 1972, que conheceu uma grande difusão no estrangeiro. Publicaram-no a revista Index. na Inglaterra, Esprit, em França, Cuadernos para el Dialogo, em Espanha, e Die Zeit na Alemanha. Mais recentemente, foi incluído no livro E agora,

JCP — Depois do 25 de Abril, alguma coisa se passou em Portugal, que foi o facto de a liberdade do escritor ter vindo à tona. A certa altura houve uma fase, aqui há dois anos, em que se estava a procurar definir as relações do escritor com o Poder. Hoje, elas estão a voltar ao antigo. O Poder mostra-se cada vez mais supersticioso e conservantista em relação à literatura. Estamos outra vez a aproximarmo-nos da cultura fóssil. E daí nós estarmos já a assistir a sintomas do passado. Tivemos na nossa história um homem que está aí, vivo, Paulo Rodrigues, inquisitor-mor de censura salazarista, que uma vez, no Brasil, ao perguntarem--lhe se era verdade que os escritores portugueses eram todos da oposição ao regime, respondeu que sim, mas que o regime passava muito bem sem eles. E não há duvida de que o regime passa muito bem sem os escritores. Os escritores são sempre uma espécie de tolerados, de animais marginais, que servem para dourar a festa quando é preciso, e mais Depois, eu já estou farto de

MV - Em teu entender, é possivel o equilibrio entre a liberdade do escritor e pressões diversas do meio em que vive

uma social-democracia muito bem intencionada, neste momento, em Portugal, é forçada a renegar a própria social--democracia no seu comporta-

ouvir dizer que nós cometemos selvajarias, que de facto se cometeram, depois do 25 de Abril, etc. Mas a verdade, é que a esquerda venceu a direita. mas nunca esteve no Poder. A esquerda nunca teve de facto o Poder. E ainda hoje a direita não está como gostaria de estar. Porque não tenhamos dúvidas: uma social-democracia não terá o mesmo programa que uma direita em Portugal. Porque por mais social-democrata que uma direita se diga em Portugal, é constrangida, por razões económicas, por dificuldades internas económicas, a nāc assumir plenamente o comportamente clássico de uma social-democracia. Porque tem pressões de ordem económica, que a obrigam a voltar a processos antiquados. Portanto

#### Não há escritores do Estado, não pode hayer

MV — Qual será, para ti. a função social do escritor?

JCP — O escritor pretende acima de tudo a abóboda final, a perfeição. E, enquanto não se alcançar a perfeição, há temas de literatura.

MV — Isso significa, então, que se deve manter afastado da res política?

JCP - Não, pelo contrário. O que quero dizer é que é muito difícil encontrar um escritor totalmente identificado com o Poder . Não há escritores do Estado, não pode ha-

MV — Em parte nenhuma?

JCP - Se é um verdadeiro escritor, não. Um escritor, só se identifica com o Estado em momentos extremamente conturbados e de revolução. E

plos de grandes escritores que participaram em movimentos revolucionários, e que em determinada altura acabaram por se afastar deles, não os con-tradizendo muitas vezes, mas afastando-se, porque perse-guiam um ideal com o qual não se compadece a res política. A res política é objectiva, imediatista, e para grande número de políticos o que pare ce é, enquanto para o escritor o que parece não é, em prin

a História está cheia de exem-

MV - Mas então o escritor está sempre mais além da res política, ou corre o risco de ficar atrás?

JCP — Do ponto de vista social, o escritor está extremamente dependente da res poli-

(Continua na 8.º página)

#### Escrevo para o chamado leitor ideal

-E ponque é que es-JOP - Porque é que eu es

.. Bom, porque me dá felicidade, primeiro que tudo. Escrever é uma meditação e una descoberta de mim próprio. Penso muito pouco no MV — Então para quem

careves? JCP - Fundamentalmente

mite. Para o chamado leitor ideal, se quiseres. MV — Que não existe...

eccrevo para uma entidade li

JCP — Que não existe, que MV — Ou seja, não escreves

para ninguém..

JCP - Não. Eu penso é que neste diálogo com o leitor ideal, que é a escrita, vou encontrando identificações sucessivas com várias pessoas e situações desse percurso.

> (Uma atitude de ideal, ou apenas o gosto pelas situações-limite? Ao longo de toda a conversa, aliás, esta atracção pelos extremos, reflexo provável de uma permanente procura, está presente. Mas há interrogações que ficam: será que o escritor consegue impedir-se de pensar no público Ou será o escritor o «leitor-ideal» de si próprio?)

MV — Gostavas de ser acadé-

JCP - Não, detestava. Mev - Porque?

JCP - Enfim, ninguem morre por ser académico. Mas por que será que todos os académicos têm vergonha de dizer

MV - Como é que o expli-

JCP - A Academia é o escalão limite, é o tempo de idade, é a dragona..

MV — Ainda sentes curiosidade pelas pessoas? JCP — Cada vez mais.

MV - Que pessoas?

JCP — Isto é muito difícil de responder. Se eu não sentisse curiosidade pelas pessoas, saberia dizer quais eram.

MV → O que significam para ti o convivio e a amizade?

JCP - A amizade é uma coisa muito complexa... E-se amigo de alguém, na minha opinião, quando se cria uma exigência em relação a essa pessoa extremamente utópica. Isto é: quando se pretende que essa pessoa seja o próprio em melhor. Eu sou amigo de alguém, exigindo dele coisas que não sou capaz de fazer. Não sei se estou a ser claro ...

MV — Coisas que não és capaz de fazer para com elas...

JCP - Não tenho a consciência disso, encaro a amizade como uma relação limite. Um amigo, para mini, é um complemento meu, nas qualidades que não tenho, e na superação dos defeitos que reconheço. Digamos que é um espelho a uni nível superior. Vê-se no amigo a personificação de uma série de frustrações pessoais, e ao mesmo tempo uma necessidade da companhia e confiança,

## "Corpo-Delito na Sala dos Espelhos" do povo que é aqui humilha-do. O desgaste que a Pide

«Corpo-delito na Sala dos espelhos», a obra mais recente de Cardoso Pires, acaba de ser publicada em li-vro, depois de ter estado em cena durante meses.

MV — Nesta tua peça, a sensação que eu tive foi a de que, mais do que um libelo contra o regime, ela pretende dar um pouco a corrupção que existia no seio do próprio regime. Será assim?

JCP — A peça é isso que tu dizes, mas é, fundamentalmente, a descrição de uma comunidade em que o medo destruiu a lei e se fez poder. O medo era uma moeda de tal maneira forte, que actuava por via burocrática e por todos os meios, e que obrigava a colectividade a uma mascarada permanente. Tudo era adulterado, imposto, inclusivé as relações sentimentais, por esse clima.

MV — E o que é que pretendes transmitir na peça?

JCP - Um aviso. Um avi-

so e também uma memória, visto que um país tão brutalizado por uma polícia como esta, sabe que ela não foi condenada, mas apenas apeada. Pior ainda: tolerantemente arquivada. Quando o director dessa organizacão se apresentou há tempos em julgamento, fardado de oficial do Exército, há todo um passado que o acusa tegido pelo uniforme. Isto

é um insulto à Justiça e a todos nós, uma provocação indigna às instituições e uma humilhação da razão histórica. Da mesma maneira, quando um general do após 25 de Abril se apressa a vir à televisão (como uma personagem da minha peça) para pregar a tolerância para com a Pide, argumentando que «todos nós temos as mãos sujas de sangue»,

quando, assim, se calunia um povo para proteger os seus algozes, não há dúvida que estamos perante uma violentação das consciências e da razão comum. Finalmente, quando se permitiu que um pide fosse a enterrar com honras de bandeira nacional (ele que se autodenominava simples funcionário público), não há dúvida de que é o símbolo



Uma cena de «O Corpo - Delito na Sala dos Espelhos»

## Entrevista com José Cardoso Pires

(Continuado da 7.\* página)

tica. Do ponto de vista criativo e da sua função, ele ultrapassa-a. Não se pode esquecer
um caso concreto. O Hemingway, quando escreveu «Por
Quem os Sinos Dobram», foi
acusado de atitudes anarquistas, porque atacava uma série
de figuras políticas de esquerda, das Brigadas Internacionais. Acabou por se verificar
que justamente as pessoas que
ele criticava, foram condenadas
pela História.

MV — Há uns anos diziasme que vivíamos numa sociedade à espera. E hoje?

JCP — A nossa sociedade, neste momento, tem consciência de uma profunda contradição que procura amortecer. Por um lado, temos a consciência de que somos um país de fraco potencial económico, mas continuamos a pensar em termos e com propostas de nacões ricas.

Isto é: falamos do Mercado Comum, por exemplo, como se a CEE fosse uma etapa que tivéssemos de conquistar, como um objectivo muito importante, e esquecemos que o Mercado Comum só nos aceitará se alguém ganhar com isso. E esse alguém não somos nós. Só la entraremos, com a economia, a agricultura e os minérios que temos, se isso interessar a alguém. Mas cultural-

mente tudo parte desta verdade: miséria e liberdade são antagonistas. Não há liberdade com miséria. Por isso, é extraordinariamente contraditório planificar uma social-democracia em terreno pobre, e com os acessos individuais e culturais de uma sociedade de consumo. De resto, mesmo nos países ricos, a social-democracia está em crise. Somente, essas colectividades ricas têm capacidade de absorver as suas próprias contradições, e arranjar novas propostas de regime onde as liberdades efectivamente se mantenham.

MV — Por que é que, publicando tão pouco, não apareces mais nos jornais?

JCP — Porque realmente estou muito mais preocupado com aquilo que estou a escrever. Tenho 55 anos, ainda me restam muitas coisas para dizer, e quero contá-las.

MV — Em que é que acreditas neste momento?

JCP — Acabamos de nos salvar de ter um Presidente da República que foi censor e fornecedor de campos de concentração. E isto faz-me crer que, apesar da passividade portuguesa, o passado não voltará com facilidade.

MV — Es optimista, pois...

JCP — Nunca se chegará, acredito, aos dias tenebrosos já vividos.

#### Pontuação? Pontua-se como se respira

MV — Tens alguma receita para colocação de pontos e virgulas?

JCP — Eu acho que não. A pontuação é extremamente ar bitrária. Há umas regras que vêm na gramática que se aprende na quarta classe, e que são arbitrárias como as outras. Pontua-se como se respira.

MV — Obedeces mais à respiração que às regras da gramática. JCP — Sim, não tenho respeito pela gramática.

MV — Que conselhos darias a um futuro escritor?

JCP — Conselhos? Quando muito, posso lembrar-me de Cuas linhas de experiência, a primeira das quais é esta: não há regras.

MV - Como assim?

JCP — Não há regras. Ou se as há cada um inventa-as para uso próprio. Por exemplo, eu, para mim costumo deixar á solta os meus vícios e as minhas obsessões no acto de escrever. E' uma regra? Não sei. Sei que assim liberto melhor o meu angulo pessoal, o meu canto privado donde transfiguro o real comum. No fundo o que define o escritor é isso, é descobrir por si próprio novas relações de comportamento.

MV - Apenas isso?

JCP - Também confio nos acasos e surpresas da escrita. é outro ponto a que me agarro. A ficção não é uma organização matemática nem funciona como uma demonstracão mais ou menos elíptica. Funciona ocultando e provocando. Costumo dizer que a primeira coisa necessária para escrever é saber gramática, a segunda é esquecê-la. Mas é claro, todo o escrever se faz num diálogo com ninguém, é um discorrer solto e vigiado ao mesmo tempo. Há uma lógica interna, interna do autor e da própria escrita, que comanda a narrativa e que dá autonomia aos personagens, não achas isso?...

MV - Acontece, é certo.

JCP — E quanto ao tom, á voz, cada um é como cada qual. Eu, pela minha parte tento «escrever no gume da faca», desenvolver a frase naquela linha em que qualquer excesso

para mais ou para menos abra golpe e desequilibre. Em todo o caso prefiro pecar por não ser suficientemente directo a cair no óbvio ou na redundancia. O tal risco, não sei se fui claro...

MV - Para mim, sim.

JCP - Outra coisa que me parece essencial é o compromisso que se estabelece quando nos sentamos à escrita. Comeca-se a contar porque se acredita, porque se vai fazer qualquer coisa única e jamais dita. Caso contrário não valeria a pena, está visto. Mas o que se escreve vai-se apossando de nós e vamo-nos apercebendo do inatingível. Então há que abandonar ou prosseguir. E se prosseguimos é porque confiamos em que, por dentro dessa leitura, há muitas cargas dispersas, muitas insinuações estratificadas que com o tempo tendem a aclarar-se e a impor--se. Isto porque os bons livros são como os bons vinhos, ganham cores e reflexos com o tempo.

MV - Como é que escreves?

JCP — Escrevo sempre dentro do maior isolamento e na maior anarquia. Não tenho horas para escrever, de um modo geral agora escrevo de madrugada, mas escrevo levantando-me, acordando... Levanto-me da cama, começo a escrever, e estou por exemplo, das quatro da manhã até às oito a escrever. Deito-me outra vez, e depois posos começar à tarde... Quer dizer, escrevo sem regra.

MV — E quantas vezes reescreve o que faz?

JCP — Depende... Nunca me sai uma coisa definitiva á primeira nem à segunda vez. De um modo geral, faço versões diferentes. Este livro que estou a fazer, por exemplo, já tem duas versões, a segunda diferente da primeira.

MV — E O Delfim, por eexmplo?

JCP — Teve três versões integrais, e a definitiva totalmente diferente das outras duas.

(Em E agora, José? Cardoso Pires escreveu: «Passados quarenta e seis anos sobre o estabelecimento desse compromisso, o declarante, que agora exerce o oficio de escritor e se encontra na plenitude dos seus direitos cívicos e políticos, e portanto das prerrogativas ali consignadas. verifica que, embora tenha cumprido todos os deveres que assumiu pela referida declaração de nascimento. nunca a segunda parte contratante, o Estado, respeitou as obrigações a que se comprometeu para com ele.»)

MV — És capaz de te descreveres a ti próprio em poucas palavras?

JCP—É um bocado dificil... Tentei isso num texto de E agora, José? Talvez uma pessoa que desconfia muito das suas próprias contradições, e que vive numa esperança desesperada.

MV — Como consegues conciliar isso com o optimismo há pouco apregoado?

JCP — É que eu não me disse optimista, opus-me foi ao derrotismo.

MV — Não tenho mais perguntas.